

NASCIDOS NA ESCRAVIDÃO
depoimentos norte-americanos

copyright Hedra
edição brasileira© Hedra 2020
tradução© Francisco Araújo da Costa
organização© Paul D. Escott
organização da coleção© Tâmis Parron
prefácio© Paul D. Escott
primeira edição Primeira edição
edição Jorge Sallum
coedição Felipe Musetti
assistência editorial Luca Jinkings e Paulo H. Pompermaier
revisão técnica Tâmis Parron
iconografia Todas as imagens que constam no livro estão disponíveis no site da *Library of Congress*
capa Lucas Kröeff
ISBN 978-85-7715-619-1
corpo editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Renato Ambrosio,
Ricardo Musse,
Ricardo Valle,
Silvio Rosa Filho,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Sumário

Introdução, <i>por Paul D. Escott</i>	7
---	---

NASCIDOS NA ESCRAVIDÃO:

DEPOIMENTOS NORTE-AMERICANOS	27
I. Trabalho	29
II. Condições de vida.	63
III. Crueldade e castigos físicos	101
IV. Famílias	135
V. Atitudes raciais.	169
VI. Cultura negra	201
VII. Resistência.	237
VIII. Emancipação	273
Os entrevistados.	319

Introdução

Paul D. Escott

Wake Forest University

Como podemos conhecer os escravos? Como aprender sobre os homens, mulheres e crianças escravizados nos Estados Unidos antes da Guerra Civil? O que podemos fazer para entender suas ideias, sentimentos, esperanças e desejos e saber como foi a experiência da escravidão?

Em 1860, às vésperas da Guerra Civil, que levou à abolição da escravatura nos EUA sob o presidente Abraham Lincoln, havia quase 4 milhões de escravos nos estados sulistas. Eles eram uma parte importante da sociedade do Sul, tanto nos estados mais antigos no Leste, como a Virgínia, as Carolinas ou a Geórgia, quanto nas áreas em franca expansão no Oeste, como a Luisiana ou o Texas. O seu trabalho produzia as riquezas imensas do cultivo de algodão, além de outras culturas comerciais, como açúcar, arroz e tabaco. Por si só, o algodão representava metade do valor de todas as exportações americanas nas três décadas anteriores à Guerra Civil. O “valor monetário” dos escravos era maior do que a soma de todos os investimentos do país em ferrovias e manufaturas, e por

causa da mão de obra negra, os grandes senhores de escravos eram 70% das pessoas mais ricas dos EUA.¹ Contudo, as vidas dos escravos não são bem documentadas. As leis estaduais e práticas sociais rígidas proibiam que eles aprendessem a ler e a escrever. Os escravos eram uma população oprimida e vigiada de perto, e apesar de alguns indivíduos terem conseguido se alfabetizar ou fugir do cativeiro, temos poucas fontes primárias nas suas próprias palavras. Os proprietários de escravos e os brancos do sul nos deixaram uma imensa quantidade de cartas, diários, documentos comerciais e jornais, mas os escravos não tinham permissão para se expressarem da mesma forma.

O historiador não pode confiar nas opiniões e descrições dos senhores como únicas fontes de informações sobre os escravos. É por isso que as narrativas de escravos são de suma importância. Há dois conjuntos de narrativas: aquelas publicadas no século XIX, geralmente em torno da Guerra Civil, e um número maior de narrativas coletadas posteriormente, no início do século XX. Durante o XIX, alguns homens e mulheres conseguiram escapar da escravidão e publicaram suas memórias, muitas vezes com a ajuda de abolicionistas do norte.² Algumas obras,

1. Média calculada a partir dos Relatórios do Secretário do Tesouro; James L. Huston, *Calculating the Value of the Union: Slavery, Property Rights, and the Economic Origins of the Civil War* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2003, p. 25, 27-30).

2. Frederick Douglass, *Narrative of the Life of Frederick Douglass, an American Slave, Written by Himself*, edited with an Introduction by David W. Blight, Third edition (Boston and New York: Bedford/St. Martin's, 2017, 2003, 1993); Harriet Jacobs, *Incidents in the Life of a*

INTRODUÇÃO

escritas por indivíduos como Frederick Douglass, William Wells Brown e Harriet Jacobs, ajudaram a fortalecer o sentimento antiescravista nos Estados Unidos e se tornaram famosas. Mas as narrativas do século xx representam um recurso muito maior, principalmente aquelas coletadas pelo Projeto Federal de Escritores (FWP, Federal Writers' Project) durante a presidência de Franklin Delano Roosevelt (1933-1945). Essas narrativas do FWP são o foco deste volume.

AS NARRATIVAS DE ESCRAVOS DO PROJETO FEDERAL DE ESCRITORES E SUAS CARACTERÍSTICAS

Na década de 1920, alguns pesquisadores da University of Tennessee, Fisk University e Southern University de Luisiana começaram a coletar as memórias de alguns afro-americanos mais velhos que haviam vivenciado a escravidão. Cientes que a morte reduzia o número de ex-escravos todos os anos, esses pesquisadores começaram a buscar informações daqueles que haviam vivido sob essa instituição. Seus projetos eram pequenos, mas demonstraram o valor de buscar informações junto aos ex-escravos. Com a chegada da Grande Depressão e uma crise econômica grave de vários anos, a administração do

Slave Girl (Black & White Classics, 1861 Edition, New York, copyright 2014). Ver também John W. Blassingame, editor, *Slave Testimony* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1977). As narrativas de Douglass, Brown e Jacobs estão sendo publicadas como parte desta coleção.

presidente Franklin Roosevelt tentou reavivar a economia e socorrer os mais necessitados. O governo federal lançou uma ampla variedade de programas para reformar o sistema econômico e ajudar os desempregados. Escritores profissionais e aspirantes participaram do Projeto Federal de Escritores, que realizou uma série de projetos diferentes, desde guias dos diferentes estados até entrevistas com ex-escravos idosos. Entre 1936 e 1938, entrevistadores em dezessete estados resumiram suas conversas com ex-escravos e mandaram quase 2.400 narrativas datilografadas para Washington, DC.

No início, a academia ignorou essas fontes. A Guerra Civil dera fim à escravidão legal, mas não estabelecera direitos e oportunidades iguais para os ex-escravos. Na década imediatamente após o conflito, os homens negros conquistaram o direito ao voto, mas os governos estaduais que simpatizavam com os seus interesses logo foram derrotados no Sul. Na última década do século XIX, governos reacionários em todos os estados sulistas aprovaram leis que praticamente roubavam o voto dos afro-americanos. Outras leis impuseram um sistema de discriminação humilhante em locais públicos e serviços governamentais, um sistema de discriminação que conquistou o selo de aprovação da Suprema Corte dos Estados Unidos em 1896.³ Assim, no início do século XX, a segregação racial

3. A decisão da Suprema Corte é conhecida pelo nome *Plessy v. Ferguson*.

era uma força dominante na sociedade sulista e o preconceito racial era forte e disseminado no resto do país.

Os mais influentes entre os primeiros estudiosos da escravidão, como U. B. Phillips, em geral compartilhavam das ideias da supremacia branca. Phillips escreveu que a escravidão fora uma escola para os africanos incivilizados e rejeitou as narrativas de escravos, dizendo que não eram confiáveis e não tinham valor. Foi só nas décadas de 1950 e 1960 que as atitudes começaram a mudar significativamente, e então o Movimento dos Direitos Civis despertou as consciências de muitos brancos à medida que desmantelava as leis segregacionistas. Os historiadores agora ansiavam para entender melhor o passado racista dos Estados Unidos. Muitos voltaram a sua atenção para a escravidão e começaram a usar as Narrativas de Escravos do FWP. Em 1972, a Greenwood Publishing Company publicou uma edição em 19 volumes que reproduzia as transcrições datilografadas originais.⁴ Posteriormente, foram publicados volumes adicionais, incluindo trabalhos do Projeto Federal de Escritores que nunca haviam sido enviados para Washington. Nos últimos anos, em resposta à popularidade da internet e às vantagens da tecnologia digital, a Biblioteca do Congresso dos EUA colocou as Narrativas de Escravos do FWP na rede. Graças à

4. Federal Writers' Project, *The American Slave: A Composite Autobiography*, George Rawick, General Editor (Westport, CT: Greenwood Publishing Company, 1972). Greenwood também publicou o *Supplement: Series I* em 1977 e o *Supplement: Series II* em 1979.

Biblioteca do Congresso, hoje qualquer um tem acesso a um pouco da história de vida dos escravos.⁵

Como abordar as Narrativas de Escravos do FWP? Alguns questionamentos ou possíveis objeções a elas, como a sua representatividade, não podem ser ignorados, e as circunstâncias nas quais foram coletadas nos deixam com um desafio. Tanto historiadores quanto leitores leigos precisam levar essas questões em conta. O quanto os ex-escravos foram francos e honestos? O quanto lembravam sobre a escravidão? As entrevistas que temos oferecem um retrato útil dos diferentes ambientes e experiências de quem esteve em cativeiro?

Henry Alsberg, o diretor nacional do Projeto Federal de Escritores, insistiu com todos os entrevistadores que estes deviam tomar o máximo de cuidado para não influenciar o ponto de vista do informante e enfatizou que *todas as histórias deveriam ser reproduzidas palavra por palavra sempre que possível*. Infelizmente, as suas sugestões não tinham como garantir que as narrativas seriam uma expressão imaculada, direta e sem enfeites das perspectivas dos ex-escravos. Além de seus conselhos somente terem sido recebidos após os entrevistadores já terem começado a se encontrar com ex-escravos em diversos estados, e mais importante ainda, as circunstâncias sociais da época exigiam que os ex-escravos aplicassem nível considerável de cautela ao falarem com eles.⁶

5. Disponíveis em: <<https://bit.ly/2WuE7vr>>.

6. Para mais detalhes sobre as características das entrevistas do FWP e questões discutidas nesta Introdução, consulte Paul D. Escott,

INTRODUÇÃO

A supremacia branca era uma realidade tirânica no Sul da década de 1930. A subordinação rígida dos negros era a regra no Sul segregado, e isso naturalmente moldou o jeito como os afro-americanos interagiam com pessoas brancas. Se ofendiam um branco, nada, nem mesmo a idade avançada dos ex-escravos, poderia protegê-los de consequências desagradáveis. Como quase todos os entrevistadores do FWP eram brancos, os ex-escravos estavam cientes da necessidade de observar todas as regras da etiqueta racial. O fato dos entrevistadores se apresentarem como agentes do governo federal também afetou as conversas. Em geral, os ex-escravos eram pobres, lutando contra a fome e a pobreza, e tinham a esperança de obter uma pensão ou alguma outra forma de auxílio do governo. Por consequência, tanto os ex-escravos quanto a equipe do FWP agiram de maneiras que afetaram a natureza das narrativas.

Para não ofender os entrevistadores brancos, os ex-escravos geralmente começavam dizendo coisas positivas sobre seus donos e a sua experiência sob a escravidão. Para evitar conflitos, a primeira prioridade era mostrar à pessoa branca mais poderosa que eles entendiam o seu lugar no mundo e reconheciam o fato e as regras da subordinação racial. Obviamente, alguns desses comentários positivos devem ter sido sinceros. Alguns indivíduos que conviveram intimamente com os seus donos por anos a fio

Slavery Remembered: A Record of Twentieth-Century Slave Narratives (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1978).

desenvolviam alguma afeição por essa pessoa, assim como alguns escravistas religiosos ou piedosos aprenderam a reconhecer a humanidade daqueles de quem eram os proprietários legais. As condições de extrema necessidade de outros ex-escravos também contribuíram para as afirmações positivas. Quem passava fome ou havia enfrentado anos de miséria lembrava da escravidão como uma época em que, pelo menos, tinham comida o suficiente para forrar seus estômagos. Aqueles que foram crianças durante a escravidão tendiam a lembrar de mais épocas boas e de não terem sofrido com trabalho árduo ou tratamentos cruéis. Alguns ex-escravos podem ter relutado em revelar para um estranho as experiências humilhantes ou degradantes que sofreram. Mas os comentários positivos quase nunca eram toda a história, e muitas entrevistas revelaram casos aterradores.

Pouquíssimos indivíduos tiveram a coragem de condenar a crueldade ou a injustiça desde o primeiro momento das suas entrevistas. A maioria era muito mais cautelosa e resguardada do que isso, especialmente entre os brancos. Como disse um entrevistado: “não vou contar nada para os brancos, tenho medo de fazer inimigos”. Outro homem explicou que “muitos escravos velhos fecham a porta antes de contar a verdade sobre a época da escravidão. Quando a porta está aberta, eles contam como os seus senhores eram bonzinhos e como tudo era uma maravilha”. A análise quantitativa das entrevistas do FWP revela que os entrevistadores negros tinham maior pro-

babilidade de ouvir histórias sobre castigos físicos, sexo forçado nas fazendas, miscigenação na família do ex-escravo, atitudes hostis em relação ao senhor e aspectos da cultura negra, como a crença em conjuros.

Assim, era apenas nas fases posteriores de uma entrevista que muitos ex-escravos começavam a tocar em eventos dolorosos que haviam afetado eles, suas famílias ou outros escravos da fazenda. Os leitores do conjunto total das narrativas precisam manter isso em mente quando procuram as opiniões dos escravos sobre os seus donos. Suas avaliações são comparativas, partindo de visões sobre um contexto social baseado em coerção e falta de liberdade. Assim, um comentário típico de um ex-escravo é que o seu dono era bom porque não açoitava muito ou era melhor do que os vizinhos cruéis. Os entrevistadores negros ouviram uma descrição mais sombria das realidades do cativeiro do que os trabalhadores brancos do FWP.⁷

A idade dos entrevistados naturalmente impactou o que eles conseguiam saber e lembrar sobre a escravidão. Por si só, a idade não destrói o valor das lembranças do ex-escravos. A memória humana não é exata, mas a idade a prejudica muito menos do que os problemas de saúde, e os participantes do projeto do FWP já haviam provado a sua vitalidade, tendo sobrevivido a muitos da sua geração. Mas os ex-escravos mais jovens, aqueles com menos de oitenta anos, tinham sido crianças pequenas na época da

7. Para mais informação sobre essa questão e outros temas discutidos nos parágrafos a seguir, consulte a Introdução e outros capítulos de *Slavery Remembered*.

escravidão; quase um quinto deles tinha menos de cinco anos de idade em 1865. Assim, não é surpresa que as experiências pessoais de que se recordam tendem a ser mais positivas, com outras lembranças provavelmente vindo de pais ou outros familiares. Ainda assim, pouco mais de um terço dos ex-escravos havia nascido antes de 1851. Esses indivíduos mais idosos teriam tido idade suficiente para trabalhar no campo e enfrentar as mesmas dificuldades que os adultos sob a escravidão.

Quem analisa as narrativas do FWP pela primeira vez também nota que um grande número de entrevistas, quase setecentas delas, vieram do estado do Arkansas. Na época da Guerra Civil, o Arkansas ainda eram um estado pouco populoso, no extremo Oeste da expansão da fronteira americana. Logo, à primeira vista, pode parecer que essas entrevistas não refletiriam a natureza da escravidão sulista em geral, reduzindo o valor da coleção da FWP. Contudo, muitos escravos abandonaram as suas fazendas quando conquistaram a liberdade e se mudaram para o Oeste nos anos subsequentes, estabelecendo-se em estados como o Texas ou o Arkansas. Quando examinamos onde os entrevistados haviam vivenciado a escravidão, esse problema praticamente desaparece. Os estados algodoeiros mais produtivos estão bem representados nas narrativas. Os estados pequenos e aqueles nos limites do Sul não dominam o conjunto.

Quando se analisa outros possíveis problemas, parecem surgir mais motivos para não descontar o valor des-

tas fontes primárias. A análise quantitativa da coleção do FWP mostra que a condição econômica dos entrevistados em pouco impactava as suas opiniões. Ser dono de imóveis não afetava as atitudes expressas nas narrativas, e a maioria dos ex-escravos era pobre. Os escravos domésticos e as crianças que tinham relativamente poucas obrigações estão super-representados nas entrevistas, mas elas também incluem um número considerável de ex-escravos que trabalharam como lavradores. Além disso, a imagem da escravidão formada pelas narrativas geralmente é crítica, tenha o ex-escravo trabalhado na lavoura ou em casa. Para essas e outras preocupações do tipo, a opinião de C. Vann Woodward, um dos mais respeitados historiadores americanos do Sul no século xx, é apropriada. “Deve ser evidente”, Woodward escreveu, “que essas entrevistas com ex-escravos precisarão ser utilizadas com cautela e discernimento. (...) Contudo, as precauções necessárias não são mais complexas ou onerosas do que aquelas exigidas por muitos outros tipos de fonte [que o historiador] está acostumado a utilizar”.⁸

AS NARRATIVAS DE ESCRAVOS E INTERPRETAÇÕES DA ESCRAVIDÃO

Assim, as atitudes dos historiadores em relação às Narrativas de Escravos do FWP mudaram junto com a sociedade americana, e também com as conquistas do Movimento dos Direitos Civis, os estudiosos adotaram o ponto

8. Citado em *Slavery Remembered*, página 17.

Número de Entrevistados

GA Geórgia: 41

TX Texas: 37

SC Carolina do Sul: 29

AL Alabama: 24

NC Carolina do Norte: 20

LA Louisiana: 13

VA Virgínia: 10

AR Arkansas: 8

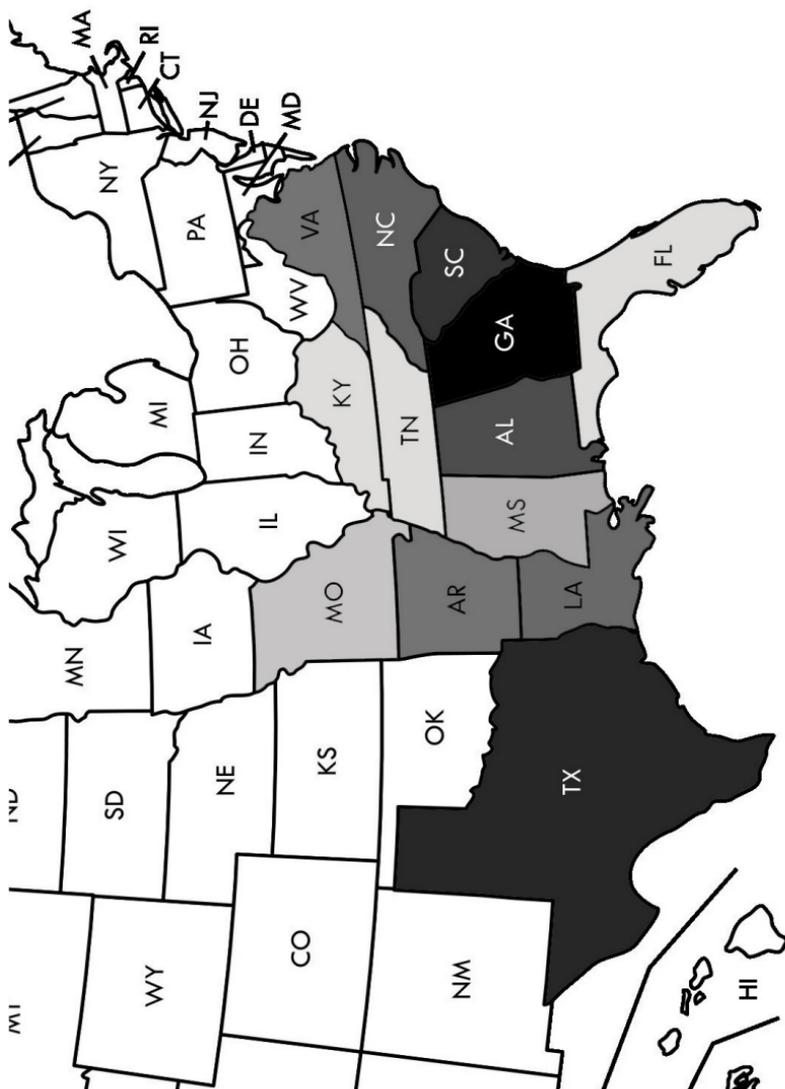
MS Mississippi: 7

MO Missouri: 4

TN Tennessee: 4

KY Kentucky: 4

FL Flórida: 3



Estados do sul dos Estados Unidos onde os entrevistados viveram a escravidão

Nascidos da escravidão:
depoimentos norte-americanos

100228

SLAVERY AS SEEN THROUGH THE EYES OF

191

HENRY WRIGHT - EX-SLAVE.

(E. D. Irskell.)

In Atlanta among that ever decreasing group of persons known as ex-slaves there is an old Negro man named Henry Wright. Although Mr. Wright is 99 years of age his appearance is that of a much younger man. He is about 5 feet in height; his dark skin is almost free of wrinkles and his head is thickly covered with gray hair. His speech and thought indicate that he is very intelligent and there is no doubt that he still possesses a clear and active mind.

As he noisily puffed on a battered old pipe he related the following tale of his experiences in slavery and of conditions in general as he saw them at that time.

Mr. Wright was born on the plantation of Mr. Phil House. This plantation was located near the present site of Buckhead, Ga. His parents were Henry Wright and Margaret House. In those days it was customary for slaves to carry the name of their owners. His father was owned by Mr. Spencer Wright and his mother was owned by Mr. Phil House. Both of these slave owners lived in the same district. His grandparents, Kittie and Anite House also belonged to Mr. Phil House and it was they who told him how they had been sold like cattle while in Virginia to a speculator (slave dealer) and brought to Decatur, Ga. where they were sold to Mr. House.

Mr. Wright lived with his mother on the House plantation for several years then he was given to Mr. George House, the brother of Phil House, as a wedding present. However, he saw his parents often as they were all allowed "passes" so that they might visit one another.

According to Mr. Wright, his master was a very rich man and a very intelligent one. His plantation consisted of about three or four hundred acres of land on which he raised cotton, cane, corn, vegetables and live stock. Although he was not very mean to his slaves or "servants" as he called them, neither did his kindness reach the gushing or overflowing stage.

I. Trabalho

HENRY WRIGHT, NARRATIVAS DA GEÓRGIA,

PARTE IV, PÁGINAS 195-97

“Quando jovem, o Sr. Wright precisava coletar lascas pelo pátio, acender lareiras e buscar água do poço para manter a casa abastecida. Quando tinha dez anos, foi mandado para o campo, para guiar o arado. Ele lembra que seus pais também trabalhavam na lavoura. Relatando a sua experiência como lavrador, o Sr. Wright conta que ele e os outros escravos eram acordados toda madrugada por um berrante, às três da manhã. Esse instrumento normalmente era soprado pelo capataz branco ou pelo capataz negro, conhecido como ‘capataz negro’ entre os escravos. Ao soar o berrante, eles precisavam se levantar e alimentar o gado. Logo depois do berrante, um sino era tocado para sinalizar que todos deveriam partir para a lavoura e começar o dia de trabalho. Eles chegavam à lavoura antes do sol nascer. O horário de trabalho era descrito como sendo ‘de sol a sol’. Quando chegava a colheita do algodão, cada escravo era obrigado a apanhar pelo menos 90 quilos de algodão por dia. Para tanto, cada um recebia um embornal e um cesto grande. O saco era pendurado no pescoço e o cesto era posicionado no

fim da linha. No final do dia, o capataz reunia todos os escravos junto à balança com a lâmpada, a lousa e a chibata. Qualquer escravo que não apanhasse os 90 quilos obrigatórios era açoitado severamente pelo capataz. Às vezes, eles conseguiam escapar desse castigo se davam a desculpa de estarem doentes. Outra estratégia adotada pelos escravos era umedecer o algodão ou esconder pedras dentro do cesto, ambos os quais deixavam o algodão mais pesado.

Às vezes, após deixar a lavoura, eles precisavam trabalhar à noite, debulhando milho, descaroçando algodão ou tecendo. Trabalhava-se todos os dias, exceto aos domingos. A única forma de trabalho no domingo era alimentar o gado, etc. (...)

As horas de trabalho dos escravos domésticos e os da lavoura eram praticamente as mesmas. Em alguns casos, os escravos domésticos precisavam trabalhar à noite, pois o senhor receberia amigos ou fora convidado a algum lugar, então alguém precisava ficar acordado para cuidar de todos os detalhes necessários. (...)

No mau tempo, os escravos não eram obrigados a ir à lavoura, e em vez disso aparavam a sebe ou faziam outros pequenos serviços em casa. O senhor não queria que eles trabalhassem em tempo ruim porque havia um risco grande demais de doença, o que levaria à perda de tempo e de dinheiro. O Sr. House queria que todos os seus escravos aprendessem um ofício, como serem pedreiros ou carpinteiros, não porque isso beneficiaria o escravo,

conta o Sr. Wright, mas porque assim ele seria vendido mais caro caso fosse preciso se desfazer dele. Os escravos que recebiam permissão para trabalhar com esses artesãos brancos, de quem aprenderiam o ofício, almejavam a oportunidade, pois teriam permissão para cobrar por seus serviços. O dinheiro que ganhariam com isso poderia ser usado para ajudar a comprar a sua liberdade, ou seja, o dinheiro que sobrava depois que o senhor tomava para si o seu quinhão. O artesão branco, por outro lado, não tinha nenhuma objeção específica ao fato de ser auxiliado pelos escravos, apesar de eles estarem aprendendo o seu ofício, pois podia passar todas as tarefas mais árduas para o escravo, o que facilitava o seu trabalho”.

Os escravistas tentavam maximizar a produtividade da sua mão de obra escravizada. Como indica a narrativa de Henry Wright, isso significava longas horas de trabalho e estratégias para aproveitar as crianças pequenas e os escravos idosos. Independente da idade, todos os escravos tinham trabalho a fazer. Os ex-escravos frequentemente descreviam o seu dia de trabalho como sendo “de sol a sol” (ou seja, do nascer ao pôr do sol) ou “de consegue a não consegue” (de conseguir enxergar até não conseguir mais). Após voltar da lavoura, os homens e as mulheres muitas vezes tinham tarefas adicionais à noite. Impor esse trabalho tornava a fazenda mais produtiva e aumentava os lucros, além de manter os escravos ocupados e afastá-los do que os donos chamariam de “encrenca”. Capatazes ou feitores supervisionavam o trabalho no campo e forçavam os escravos a produzir tanto quanto o possível.

Além de trabalhar nas culturas mercantis (algodão em quase todo o Sul, arroz nas regiões litorâneas da Carolina do Sul e da Geórgia e açúcar na Luisiana), a maioria dos escravistas tentava produzir a maior parte da comida necessária para consumo na fazenda. O milho era cultivado na mesma época que o algodão, da primavera até a colheita no outono, com os escravos alternando a sua atenção de uma cultura para a outra. No outono, quando o milho amadurecia, os escravos muitas vezes viravam as espigas para baixo para não deixar a chuva encharcá-las e se concentravam em apanhar o algodão antes de voltarem para colher o milho. Criar gado e plantar legumes também podia ajudar a tornar a fazenda quase autossuficiente e, logo, mais rentável. Em grandes propriedades, alguns escravos aprendiam algum ofício, como o de ferreiro, para que o fazendeiro não precisasse pagar pelo trabalho de fora.

Todo o trabalho na lavoura era cansativo. Cultivar e colher algodão significava longas horas de trabalho sob o sol, muitas vezes inclinado sobre as plantas. Nos arrozais, os escravos precisavam trabalhar com água pelos joelhos nos campos alagados, e o açúcar era uma cultura especialmente trabalhosa na época da colheita, quando os escravos trabalhavam muitas e muitas horas adicionais, sem dormir, para ferver o caldo e produzir açúcar e melado.

LOUIS CAIN, NARRATIVAS DO TEXAS, PARTE I, PÁGINAS 185 E 186

“A gente trabalhava enquanto tinha luz, desde as quatro da manhã, e depois ordenhava as vinte vacas e dava de comer para os bois de canga. Eram vinte hectares e faltava negro para trabalhar tudo aquilo com folga...”

I. TRABALHO

Sábado de manhã, nós homens moíamos milho para o pão da semana e as mulheres lavavam as roupas do senhor e as nossas. Sábado de noite a gente dançava até de madrugada, e no domingo os homens saíam para ver as mulheres ou as namoradas deles enquanto nós os pequenos íamos nadar no riacho. Todas as noites, menos no sábado, a hora de dormir era nove horas. O senhor repicava a placa de aço e a gente sabia que estava na hora de apagar as tochas e se amontoar para dormir”.

SIMP CAMPBELL, NARRATIVAS DO TEXAS, PARTE I, PÁGINAS 191-92

“A fazenda do senhor tinha uns 400 hectares e ele tinha mais de cem escravos, com um feitor, o Johnson, e um capataz negro. Os negros éramos bem tratados, mas o feitor tinha ordem de açoitar quem brigasse. Se o capataz negro chicoteava demais, o feitor vendia ele para outro lugar.

A gente trabalhava das quatro às seis e fazíamos alguma tarefa depois, e então se sentava e ficava conversando até as nove, quando era hora de ir para a cama. Sábado de noite, dava para escutar as rabecas e os banjos tocando e os negros cantando. Os instrumentos todos eram feitos em casa”.

THOMAS COLE, NARRATIVAS DO TEXAS, PÁGINAS 225-29

“Eu brincava com os filhos do senhor Cole o tempo todo, e quando fiquei mais velho ele me pôs a trabalhar buscando madeira e outros servicinhos assim, e também dando de

comer para os porcos. Os pequenos tinham que apanhar algodão todo outono. Os cestões pesavam uns 35 a 45 quilos, mas nós pequenos botávamos o nosso no cesto de um escravo adulto. Os escravos adultos eram que nem mulas. Eles trabalhavam para ter o que comer e o que vestir, e tinha uns que sofriam mais que as mulas, porque as mulas comiam bem e os escravos às vezes passavam fome. Mas o senhor Cole era um homem esperto e bom com essas coisas. Ele tinha respeito pelos sentimentos dos escravos e não tratava eles feito uns bichos estúpidos, os escravos dele tinham mais privilégios do que o de qualquer outro senhor por aquelas partes. Ele foi um dos melhores homens que já vi em toda a minha vida e a mulher dele era igualzinha. (...) A gente acordava cedo todos os dias do ano, fizesse chuva ou fizesse sol, frio ou calor. Um escravo soprava o berrante e não tinha perigo de você não acordar com aquele barulho alto e comprido como era. Ele subia numa plataforma duns três metros para soprar aquela corneta. A gente trabalhava até o meio-dia, então comia na sombra e descansava uma hora, um pouquinho mais quando estava quente, mas só uma hora quando estava frio. Você fica sempre cansado quando o dia é assim na fazenda, não dá para se divertir a noite inteira que nem os jovens fazem hoje em dia. Mas a gente tinha sorte, porque o senhor Cole não nos castigava. O homem nosso vizinho, ele castigava muito os escravos dele, muito mesmo. (...) [Depois que o seu senhor morreu] Eu pensei comigo mesmo, aquele Sr. Anderson, o feitor, ele vai

me lanhar com o bacalhau [*cat-o'-nine-tails*] na primeira chance que tiver, mas decidi que ele não ia ter chance nenhuma, pois eu ia fugir na primeira chance que tivesse. Eu não sabia como ia fugir de lá, mas ia para o Norte, onde não tem senhor de escravos. (...) Estavam falando de guerra e a gente estava indo para o eito mais cedo e ficando até mais tarde. Milho levado embora, algodão levado embora, porcos e gado arrebanhados e levados, a coisa ia ficar ruim. A guerra começou, mas a gente não viu nada dela. Só que em vez de comer pão de milho, a gente comia pão de milho-zaburro. A gente plantou bastante quiabo e disseram que ele ia ser tostado e moído para fazer café para os brancos. Isso também não parecia muito bom. Naquele inverno, em vez de abater 300 ou 400 porcos, como a gente sempre fez antes, abatemos só 175, e nem foram todos os grandões. Quando o estoque de carne começava a acabar, o Sr. Sandson mandava uns escravos caçarem um veado ou porcos selvagens ou o que desse para achar”.

ELISABETH SPARKS, NARRATIVAS DA VIRGÍNIA, PÁGINA 51

“Eles trabalhavam seis dias, de sol a sol. Se era a colheita de trigo ou outra safra, o trabalho começava bem antes do dia nascer. O dia de trabalho normal começava quando o berrante soprava. Eles paravam só o bastante para comer ao meio-dia. Não tinha muita comida. Eles ganhavam um pouco de sebo e uma fatia de pão de manhã. Bem, eles

davam uma ração para os negros toda semana. O almoço era uma fogaça assada em cima de uma enxada”.

EMMA HURLEY, NARRATIVAS DA GEÓRGIA, PARTE II, PÁGINA 276

“O trabalho dos escravos na fazenda era difícil. As mulheres trabalhavam o dia inteiro no eito e depois fiavam de noite. Cada uma tinha que fiar seis fusos por semana. No sábado, uma ‘senhora branca’ desenrolava a fiação e se uma das mulheres não tinha feito a sua tarefa, ela apanhava feio. Os homens trabalhavam o dia inteiro e ficavam até as dez da noite debulhando milho ou em outras lidas à luz do lampião”.

SALLIE CARDER, NARRATIVAS DO OKLAHOMA, PÁGINAS 27-28

“Lá pelas quatro da manhã, o feitor ou o cocheiro negro que ficava na casa grande tocava o sino para a gente levantar e ir trabalhar. Os escravos apanhavam uma pilha de algodão e trabalhavam até tarde nas noites de luar”.

FRANCES WILLINGHAM, NARRATIVAS DA GEÓRGIA,
PARTE IV, PÁGINA 156

“Nosso feitor juntava todos os escravos antes do dia nascer e eles tinham que já ter comido o desjejum e chegado no campo quando o sol aparecesse. O sol estava mais que posto quando eles chegavam em casa de noite”.

I. TRABALHO

WILLIAM MCWHORTER, NARRATIVAS DA GEÓRGIA,

PARTE III, PÁGINAS 98-99

“Quando o assunto era trabalho, nunca se tinha folga nenhuma. Quando os escravos voltavam do eito depois do pôr do sol e cuidavam do gado e da janta, os homens ainda tinham que debulhar milho, consertar canga de cavalo, cortar madeira e coisas assim; as mulheres costuravam, fiavam, teciam e algumas tinham que ir para a casa grande e dar de mamar para os bebês dos brancos. Uma noite, minha mãe tinha dado de mamar para um dos bebês brancos e depois que ele pegou no sono, ela foi colocar ele na caminha. O pé da criança se prendeu nos suspensórios do senhor Joe, que ele tinha pendurado no pé da cama, e quando ele escutou o bebezinho chorando o senhor Joe acordou, agarrou um pedaço de pau e bateu na cabeça da minha mãe até que quase matou ela. Minha mãe nunca ficou bem de verdade depois disso, e quando morreu ainda tinha um calombo enorme na cabeça.

Dizem que em algumas fazendas os escravos ficavam liberados quando o sino do almoço tocava no domingo, mas não na nossa. Lá não tinha descanso até o sol se pôr nas noites de domingo, depois que tinham cuidado do gado e comido a janta. Nos domingos, eles podiam fazer umas visitas depois da igreja, mas ainda tinham que tomar cuidado e levar um passe. O senhor Joe dava um dia para os escravos fazerem o seu Natal.”

JOHN W. FIELDS, NARRATIVAS DO INDIANA, PÁGINA 78

“Minha vida antes dessa época [quando minha mãe recebeu permissão para visitar] foi repleta de tristeza e desespero. Nós acordávamos entre quatro e cinco da manhã, e pais e filhos trabalhavam arduamente até o cair da noite nos dar trégua. Depois de um jantar minguado, geralmente conversávamos até ficar com sono e ter que ir para a cama. Os que tinham a sorte de saber, liam”.

YACH STRINGFELLOW, NARRATIVAS DO TEXAS,

PARTE IV, PÁGINA 68

“Nós escravos usávamos tochas de pinho, às vezes uns tocos de vela. As mulheres faziam todas as velas dos brancos elas mesmas. A gente não precisava de muita luz à noite de tão cansados depois do dia comprido trabalhando de consegue a não consegue enxergar, e ia para cama cedo. (...)

O senhor botou o John de feitor, e ele era um marchador. Ele estava em tudo quanto é lugar onde ninguém achava que ele ia ir. Ele tinha um vozeirão e todos nós cantando e chorando ‘Olha bem, negro, olha bem, lá vem encrenca’. Se um negro ou uma negra tinha deitado no milharal, eles se levantavam rapidinho e se ocupavam na hora, porque aquele chicote corria atrás deles. Eles se ajeitavam e viravam os mais esforçados da turma quando o John chegava”.

I. TRABALHO

SARAH GUDGER, NARRATIVAS DA CAROLINA DO NORTE,

PARTE I, PÁGINA 353

“Não, senhora, eu nunca soube o que era descansar. Eu só trabalhava o tempo todo, da manhã até o fim da noite. Eu tinha que fazer de tudo fora de casa. Trabalhar no eito, cortar madeira, capinar talos, até que às vezes minhas costas pareciam que iam quebrar. Eu fazia de tudo, menos rachar toras. Sabe como é, eles rachavam toras naquela época, mas eu não, eu nunca rachei tora nenhuma.

O velho senhor nos dava uma tunda se a gente fazia alguma coisa que ele não gostava. Às vezes ele ficava furo, e nessas horas a gente nem olhava para ele. Se não, ele amarrava as nossas mãos na frente do corpo e chicoteava que nem se faz com uma mula. Meu Deus, eu levei mil chibatadas quando era nova. Às vezes, meu pobre corpo doía uma semana inteira.

O velho senhor nos mandava trabalhar em tudo que era tempo, na chuva e na neve, nunca fazia diferença. A gente precisava ir até as montanhas, derrubar árvores e arrastar elas de volta para casa. Muitas e muitas vezes a gente voltava com as roupas grudadas nos nossos corpos gelados, mas não adiantava nada tentar deixar elas secas. Se o velho senhor ou a senhora nos viam, eles gritavam: ‘Sai daqui, coisa preta, e vai trabalhar de uma vez!’ Meu Deus, e a gente saía correndo mesmo. Se não, lá vinha o chicote”.

FRED BROWN, NARRATIVAS DO TEXAS, PARTE I, PÁGINAS 156-57

“O senhor tinha uma fazenda muito bonitinha na Luisiana, neste lado do rio Mississippi. De escravos, ele chegava a ter de 40 a 50. Na nossa família tinha papai, mamãe, três irmãos e uma irmã, a Julia, e seis primos. Isso dá 13, é por isso que o senhor se incomodava tantos com negros fujões.



Katie Darling

Todo mundo lá tinha certos trabalhos e deveres para fazer. Mamãe era a cozinheira da família e ajudava no tear, fazendo o tecido. Meu papai era o ferreiro, o sapateiro e o curtidor. Vou explicar como era o curtume. Ele colocava o couro na água com casca de carvalho-negro e logo, logo o pelo caía, e depois ele enrolava e martelava o couro para deixar ele macio.

Quando eu tinha uns oito anos, mais ou menos, eles me botaram para ajudar no pátio. Depois que cresci, comecei a ajudar no eito. O senhor plantava quase só cana e milho, nada de algodão”.

KATIE DARLING, NARRATIVAS DO TEXAS, PARTE I, PÁGINAS 278-79

“Você está falando com uma negra que deu de mamar para sete branquinhos nos tempos do relho. (...) Eu e meus três irmãos, Peter e Adam e Willis, todos sobrevivemos, crescemos e casamos, mas mamãe morreu na escravidão e papai fugiu quando ele e o senhor Bill estavam a caminho da Batalha de Mansfield.¹ Quando voltou da guerra, o senhor disse: ‘Aquele crioulo imprestável fugiu e se juntou com aqueles yankees duma figa’.

O senhor tinha seis filhos quando a guerra começou e eu dei de mamar para todos eles. Eu ficava em casa com eles e dormia em um catre no chão, e assim que cresci o suficiente para carregar o balde de leite, eles me botaram na ordenha também. O senhor tinha mais de 100 vacas,

1. Batalha travada na Luisiana em 8 de abril de 1864, durante a Guerra Civil norte-americana.

e quase sempre quem ordenhava todas elas éramos nós duas, Violet e eu. A gente tinha que estar no curral às cinco. Teve uma manhã que o senhor me pegou deixando um dos bezerros mamar e ele não me castigou daquela vez, mas isso não quer dizer que ele era sempre bonzinho, porque as vacas tinham mais coração que o senhor e a senhora.

Nós comíamos ervilha, verdura, couve e sêmea. Os negros que mexessem no presunto! A gente ganhava café de farinha de milho. A farinha era tostada no fogão e fervida e a gente tomava o licor. Às vezes, a gente ganhava o café Lincoln que sobrava da fazenda vizinha.

Quando os negros faziam qualquer coisa, o senhor dava relhadas nele, mas de arrancar a pele era pouco. Ele castigava o homem por arar ou capinar pela metade, mas se faziam o serviço direito ele achava outro motivo para puxar a chibata. À noite, os homens tinham que debulhar milho e as mulheres cardavam e fiavam. A gente tinha duas mudas de roupa para o inverno e duas para o verão, mas nada de sapato. A gente trabalhava sábado o dia inteiro, e se tinha erva no campo, ninguém ganhava o domingo de folga”.

WES BRADY, NARRATIVAS DO TEXAS, PARTE I, PÁGINA 135

“O meu primeiro serviço foi plantando milho, depois no curral com as vacas e de pastor das ovelhas. Todos nós da casa tínhamos que descascar meio alqueire de milho todas as noites para dar de comer para as ovelhas. Várias vezes